



Porta para a rua, janelas para o jardim: o outono de Carlos em ocaso
Interfaces num texto de Mário de Andrade

Cristina Cardoso¹
Guillaüme Hatschebach²

Resumo

Livro escrito entre 1923 e 1924, e publicado em 1927, *Amar*, verbo intransitivo: idílio, é uma obra literária escrita por Mário de Andrade (1893-1945). O narrador observador (em terceira pessoa) presencia e dá registro de descrições da iniciação afetivo-sexual de Carlos Alberto Sousa Costa, primogênito e herdeiro de Felisberto Sousa Costa e Dona Laura. O pai, Felisberto, contrata os serviços de amorologia de Elza, a Fraülein – Fraülein, do alemão, é o diminutivo de Frau, senhora. Este é o tema central, qual estrutura narrativa é a descrição preponderante à narração. Este ensaio, por meio da crítica literária da prosa poética de Mário de Andrade, busca a análise imagética dos sentidos e de sua determinação social enquanto obra de arte, notadamente aos entraves e limites da feminilidade e de sua ascese à interface. Para tanto, recorreremos ao fichamento da obra completa e seleção de artigos com temática correspondente, apensado o primeiro enquanto anexo deste ensaio.

Palavras-chave: interfaces de gênero; masculinidade; estudos de gênero.

Puerta a la calle, ventanas al jardín: el otoño de Carlos al ponerse el sol
Las interfaces en un texto de Mário de Andrade

Resumen

Escrita entre 1923 y 1924 y publicada en 1927, *Amar*, verbo intransitivo: idílio es una obra literaria de Mário de Andrade (1893-1945). El narrador observador (en tercera persona) asiste y registra descripciones de la iniciación afectivo-sexual de Carlos Alberto Sousa Costa, primogénito y heredero de Felisberto Sousa Costa y doña Laura. Su padre, Felisberto, contrata los servicios de amorología de Elza, la Fraülein - Fraülein, del alemán, es la abreviatura de Frau, señora. Este es el tema central, cuya estructura narrativa es la descripción por encima de la narración. Este ensayo, a través de la crítica literaria de la prosa poética de Mário de

¹ Possui graduação em Letras (1998), mestrado em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2001), e doutorado em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2013). Atuou na Educação Básica nos ensinos Fundamental e Médio. Faz parte da equipe de especialistas (Espanhol) do Idiomas sem Fronteiras/Andifes. Membro do grupo de pesquisa "Ensino e aprendizagem de línguas: uma abordagem quantitativa". Integra grupo de avaliadores ad hoc de cursos superiores do INEP/SINAES/BASIS. É professora da licenciatura em Linguagem e Comunicação da UFPR Setor Litoral, onde atua. E-mail: cristina.cardoso@ufpr.br

² Pesquisador discente da Universidade Federal do Paraná, atua principalmente nos seguintes temas: individualidade moderna, amor livre individualizado e seus movimentos sociais consentâneos. Em 2017 foi publicado pela Antologia Trans, publicando ao ano de 2019 a pesquisa Da subserviência às transgressões: classe e gênero, desenvolvida junto ao Grupo de Pesquisa História e Historiografia na Educação Brasileira, e em 2022 publicou *À sombra do buritizal em flor: historicidade do afeto, classe e gênero*, dando continuidade à pesquisa. E-mail: guihats@ufpr.br

Andrade, pretende analisar el imaginario de los significados y su determinación social como obra de arte, especialmente los obstáculos y límites de la feminidad y su ascesis a la interfaz. Para ello, nos hemos servido de un resumen de la obra completa y de una selección de artículos con la temática correspondiente, el primero de los cuales se adjunta como apéndice a este ensayo.

Palabras-clave: interfaces de género; masculinidad; estudios de género.

Door to the street, windows to the garden: Carlos' autumn in sunset
Interfaces through a text written by Mário de Andrade

Abstract

Written between 1923 and 1924 and published in 1927, *Amar, verbo intransitivo: idílio* is a literary novel written by Mário de Andrade (1893-1945). The third-person narrator is a witness and records descriptions of the affective-sexual initiation of Carlos Alberto Sousa Costa, the first-born son and successor of Felisberto Sousa Costa and Mrs Laura. His father, Felisberto, hires the amorology services of Elza, the Fraülein - Fraülein, from the original German, is short for Frau, lady. This is the central theme, the narrative structure of which is description over narration. This essay, through literary criticism of Mário de Andrade's poetic prose, seeks to analyse the imagery of the meanings and their social determination as a work of art, especially the obstacles and limits of femininity and its asceticism to the interface. To this end, we have used a summary of the complete work and a selection of articles with a corresponding theme, the first of which is attached as an appendix to this essay.

Key words: gender interfaces; masculinity; gender studies.

De outonos na linfa da poeira

O contrato dos serviços pelo proprietário de terras Felisberto Sousa Costa se faz jungir à interface que ascende. Calçando suas luvas, resta trás de si a governanta, quem permanece ao espaço doméstico e, em via pública, oculta Sousa Costa o capital originário de seu pecúlio, juntamente aos laços de dominação e exploração³ (ANDRADE, 2008, p. 19).

Na cena subsequente o motivo se repete, e é a filha quem externa ao interior da propriedade Vila Laura a alegria pela novidade, o que é silenciado pela mãe. Porta da rua para os homens (proprietários brancos), e janelas para os jardins (perspectiva da feminilidade). Este motivo é um dos eixos narrativos e buscaremos explorar suas contradições, entraves e limites.

Reconhecendo Fraülein o espaço devido para seu descanso e repousar, observa pelas

³ A propósito, Mendes & Rodrigues (2020, p. 60-61) afirmam: “A dominação masculina gera a subserviência aos padrões culturais de virilidade, força, dureza, resistência, competência física, e muitas vezes esses mesmos padrões criam uma grade intransponível para o menino, que, para ser macho, tem de abdicar de sua sensibilidade e de sua ternura.”

esquadrias a imagem a projetar simplicidade austera nos vários tons de suas roupas, nas várias flores do jardim de estilo europeu pela janela (ANDRADE, 2008, p. 21).

A primeira aparição de Carlos Alberto Sousa Costa, primogênito e herdeiro de Felisberto e dona Laura, é numa brincadeira com a irmã no corredor, desprezasse ele a força sua e a intenção fosse o brincar, reiteradamente magoando-a (ANDRADE, 2008, p. 22).

Do átrio repercutem as notas de Felisberto, quem relegava os cuidados e educação para a esposa e a governanta, Sousa Costa, “quem não gosta de se amolar nem passar pitos.” (ANDRADE, 2008, p. 23).

A discrição e elegância serena da governanta são notadas pelo narrador, quem descreve a percepção afinada desta pelo caráter do menino e a resiliência daquela, facilitadas pelos usos e costumes “das raças superiores”, se bem as três qualidades sejam mera “epiderme”, reconheça o narrador a maleabilidade dos alemães em terras brasileiras.

Rapidamente incorpora suas funções na casa e, depois da viagem familiar de quinze dias na casa de fazenda, os recepciona gentilmente⁴, como o polvo a readquirir “o tentáculo que faltava” (ANDRADE, 2008, p. 24).

Monogamia – exclusividade afetivo-sexual – para a esposa, o que não decorre para Sousa Costa ser algo diferente de bom pai e bom marido, desapegado à ondulação dos cachos da senhora, nenhum dos dois pudesse realizar o padrão *standard* de traços europeus, pois que seu bigode fosse espesso e os traços faciais depusessem (ANDRADE, 2008, p. 27).

O primogênito fora batizado em pia cristã, as meninas reservadas à educação sentimental nas missas de domingo, recebendo aos nove anos a primeira comunhão, o catecismo junto a uma parenta pobre mui apegada à doutrina, a profissão de fé gravada nos brilhantes do presente do primeiro ano de casamento, um crucifixo ostentado ao busto de dona Laura.

O jovem Carlos tem seu projeto de vida legado e seus anseios e perspectivas moldados ao seio familiar, haja vista o diálogo seu com Fraülein: “– Não gosto nem desgosto, mas pra quê? Ele já falou uma vez que quando eu fizer vinte e um anos me dá uma fazenda pra mim... Então pra quê Direito!” (ANDRADE, 2008, p. 27).

O acesso à interface pública possibilita a Felisberto o trânsito entre a moralidade do lar

⁴ Descreve o narrador a imagem familiar: “Sobe à tona da vida ou desce porta adentro, na profundidade marinha. Profundidade eminentemente respeitável e secreta. Quanto à tona da vida, já se conhece bem a fotografia: A mãe está sentada com a família menorzinha no colo. O pai de pé descansa protetoramente no ombro dela a mão honrada. Em torno se arranjam os barrigudinhos. A disposição pode variar, mas o conceito continua o mesmo. Vária disposição demonstra unicamente o progresso que nestes tempos de agora fizeram os fotógrafos norte-americanos.”, intermodalidade entre literatura e fotografia, qual dispõe a mononuclearidade da família burguesa pela materialização diversa da universalidade abstrata.

– a subserviência doméstica e a submissão ao código normativo (privado) –, e o conjunto então interdito à feminilidade, como as normas positivas próprias à norma estatal. Fraülein tem acesso ao emprego, mas em sua condição de classe (governanta), gênero (mulher) e enquanto estrangeira (não-cidadã) tem seus direitos restringidos (MENDES & RODRIGUES, 2020, p. 61).

O marcador social de classe se superpõe à reprodução social, em que pese a filiação parental coadunar à moralidade dúbia da interface masculina. A ascendente burguesia paulistana tem a produção de seus valores, anseios e expectativas sociais face à vida privada. É o bom casamento o objetivo de Felisberto, mediado pela frustração do primeiro amor de Carlos por Elza, de ascendência inadequada, isto é, de classe distinta.

Prosseguem as autoras (2020, p. 61-62):

Fosse o pai um senhor de escravos, entregaria Carlos, o sinhozinho, à sedução de sua mucama. Fosse menos endinheirado, faria vista grossa para o assédio do filho à empregada doméstica, essa que tantas vezes iniciou sexualmente os filhos da casa em que serve. Fosse Carlos um jovem contemporâneo, teria assediado a moça proletária de sua empresa ou escritório, sob a benevolência cúmplice dos mais velhos, ou teria tentado aprender o sexo pela internet, também esta uma forma de amar intransitivamente, segundo o modo atual de se comportar.

A substância do amor ser uma mediação entre o divino e o humano escapa à Sócrates (narrador), como à posição de Aristófanes (Fraülein). O amor é *conditio sine qua non* para realização do afeto na vida privada, muito embora esteja embebido pela alienação da vida moderna, a família mononuclear. Carlos é engendrado nos laços parentais ao tempo que se faz homem, inverno ao porvir.

A subversão é contida pelo projeto de vida consolidado pelos pais, erigindo um recuo no interior das condições materiais de existência de Carlos, condições estranhas estabelecidas pela sociabilidade⁵.

Para Elza, o ofício de governanta e a prática do amor-tese pela amorologia constitui-se também uma mediação estranha, afinal de contas a atividade é um meio para sagrar ela própria uma família, quando de seu retorno à Alemanha.

O significante *Fraülein*, aqui, aparece neste deslocamento de sua expectativa marital

⁵ “O verbo amar passa a não ser mais intransitivo. Tem, afinal, um objeto. Transitivar-se foi a sua subversão. Os dois amantes causam agora repúdio e aversão ao senhor Sousa Costa (o pai). Ele avisa Carlos de seu contrato com Fraülein, mas este, atônito, não quer acreditar que ela fez o que fez por dinheiro. Carlos se sente amado e revive inconscientemente com a professora o amor pela jovem mãe, que, afinal, se aproxima dele e o aninha novamente em seus braços, para que se esqueça de Fraülein. O primeiro objeto de amor volta à cena. Esse aconchego com a mãe é agora permitido. Esse é, assim, considerado como um mal menor, diante do perigo da mulher estrangeira.” (MENDES & RODRIGUES, 2020, p. 62).

frente às intempéries de sua vida prático-cotidiana. Se submete à vida no exterior, condição proletarizada, vendabilidade de seu afeto e sabença e, “Assim, Elza se torna Fräulein, colocando em suspensão o significante de sua identidade, para resgatá-lo quando puder realizar o sonho acalentado de um ideal de amor, esperando por ela longe dali.” (MENDES & RODRIGUES, 2020, p. 62).

A vendabilidade e exterioridade constituintes de seu ofício são primazia para que ela realize seu desejo de bom casamento com um intelectual alemão. Todavia este projeto é exequível somente pela subordinação à moralidade latina, avessa a seus preceitos. Ao jogo discursivo do eu, o alter de Elza é a prostituta, outro qual ela se diferencia. É professora de língua e cultura alemã e professora de piano. Sua profissão, logo, é a docência, não a promiscuidade.

Logo Carlos entretinha por seus interesses a língua e cultura alemã, tomando partido na ocupação da Alemanha pelos franceses (1923-1925) e, num jantar, defende a superioridade estética de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) diante de Camões (1524-1580).

Indaga o narrador pela natureza do amor (ANDRADE, 2008, p. 36):

É coisa que se ensine o amor? Creio que não. Pode ser que sim. Fräulein tinha um método bem dela. O deus paciente o construíra, tal qual os prisioneiros fazem essas catitas cestinhas cheias de flores e de frutas coloridas. Tudo de miolo de pão, tão mimoso!

Há intertextualidade com *O Banquete*, de Platão (Editora 34), notadamente neste trecho até a página 40 (ANDRADE, 2008). Para o amor-tese de Fräulein⁶, amar é ação prático-cotidiana, dos espíritos a comungar um projeto de vida, “quatro ombros trabalham igualmente”, a partilhar a “*Gesellschaft*” [sociedade civil, ou comunidade] (ANDRADE, 2008, p. 37), pois que cantem somente em coro.

Se distanciando da abstração, Fräulein é focalizada na natureza de sua amorologia pelo narrador, seu labor importe a tornar sã e sadia a vida afetivo-sexual de seus alunos, o modelo de vitalidade se realize na complementaridade do amor livre-individuado e da família natural, ao lado do espírito (Filosofia e cultura) e do Estado a superioridade da raça, ineludível destino dos homens, cujos segredos são contidos pelas mulheres, ele fora do lar (trabalho/público) e ela no lar (reprodução social e cuidados/privado), o “amor-tese, teoria do amor, amorologia” (ANDRADE, 2008, p. 39).

O motivo da janela (feminilidade) reaparece em sentido metafísico, o único tangível,

⁶ Verdade prática que se executa para qual somente os ouvidos que se realizassem ao som de Richard Wagner (1813-1883) possam ouvir, isto é, complementaridade da divisão sexual do trabalho, onde o homem provê e a mulher se restrinja à formação da prole, cuidado com o lar e o marido.

“Maria embala no bercinho pobre o filho recém-nascido. Janelas abertas, dando para a grande noite azulada, facilmente mística. Nascem do chão, saem pelas janelas as duas colunas inclinadas do luar. Verão. Silêncio.”

Ao final do trecho há resgate (ANDRADE, 2008, p. 36-40) do tema da aprendizagem do amor, qual o narrador aponta aos sentimentos, enquanto perfila ao amor-tese a crença de Fraülein pela educação afetivo-sexual: “Ela crê que sim. Por isso não foi no jardim, deve se guardar. Quer mostrar que o dever supera os prazeres da carne, supera.” (ANDRADE, 2008, p. 40).

A eticidade da mediação do amor, nestes termos, suprassume o desejo da paixão. Nos jardins Carlos busca uma rosa, sendo acusado ao interior da casa por Aldinha, estivesse ele a estragar as plantas do jardim da casa, magoando ele a irmã quando da intenção de um beijo seu (ANDRADE, 2008, p. 40-41).

Na cena adiante Fraülein é encontrada por Carlos, depois deste descer do bonde, ela “escondida na leitura” a perscrutar Camões (ANDRADE, 2008, p. 44). Passando a perna por sobre a mesa, a imagem que Fraülein dele conservaria pelos anos: “O rapazinho derrubara o braço desocupado sobre a perna direita retesa. Assim, ao passo que um lado do corpo, rijo, quase reto, dizia a virilidade guapa duma força crescente ainda, o outro, apoiado na mesa, descansando quebrado em curvas de braço e joelho, tinha uma graça e doçura mesmo fêmea, jovialidade!”.

De um lado do corpo a jovialidade, ingenuidade por seus anos, sobreposto ao código de masculinidade vindoura, ao conjunto seu vir-a-ser, a virilidade contida na protolinguagem de sua expressão corporal, imagem retida por Fraülein e descrita pelo narrador.

Encontrando os olhos seus com os de Fraülein, os fez retornar aos papéis pela mesa, recuou e a ela disse ir trocar de roupas, não sabendo lidar ao que sentira, desconhecesse. Postura firme e ereta, ele entra na casa sem deslocar sua visão. Ela o acompanha à distância, permanecendo a o observar.

Depois do almoço Carlos deixa de ir ao futebol para acompanhar as irmãs e Fraülein na matinê, se acomodando “bem sentadinho, pouco mexe” nas cadeiras a transbordar o estranho conveniente contato e gestos daquela com Carlos, as horas gentis ao tráfego encerradas pela pulsão libidinal do protagonista, quem acode ao quarto⁷ (ANDRADE, 2008,

⁷ “Mais se deixou cair, sem escolha, numa cadeira qualquer, a boca movendo numa expressão de angústia divina. Queria sorrir... Queria, quem sabe? um pouco de pranto, o pranto abandonado faz vários anos, talvez agora lhe fizesse bem... Nada disso. O romancista é que está complicando o estado de alma do rapaz. Carlos apenas assunta sem ver o quadrado vazio do céu. Uma final sublime, estranha sensação... Que avança, aumenta... Sorri bobo no ar. Pra não estar mais assim esfregando lentamente, fortemente, as palmas das mãos uma na outra, aper-

p. 45-46).

La petit mort resguardada ao encanto pueril de sua paixão por Fraülein, o cálido abraço terno dos anjos a pousarem na pele úmida pelo desejo de Carlos, acalanto em sua “alma e no corpo”, os celestiais a dar registro por seu “amor sincero” (ANDRADE, 2008, p. 46-47).

Desde aquele momento Carlos compreende a natureza de seu desejo, ao início permanecendo mais tempo em casa. A aparente imaturidade de Carlos, entretanto, não o impossibilita enunciar seu desejo, e Fraülein se vê desconcertada pelo ritmo do rapaz, avariando as teses e fazendo o prático-cotidiano pedir vagar.

O coração do menino feito tempestade, distraído das lições pela sensação. Tomando a mão de Carlos por baixo da sua, a desculpa fosse a ortografia do alemão, aproxima seu rosto dos cabelos do jovem, os lábios seus da orelha, os seios deixando pousar suaves sobre o ombro largo, ele estacando “que nem pedra” (ANDRADE, 2008, p. 53).

Em sua porta, em cena posterior, Fraülein ouve pancadas, abotoa a camisa e atende dona Laura. Pede que Elza deixe a casa, incomodada pelos hábitos algo impróprios à moralidade do lar. Fraülein, no entanto, sem saber que Sousa Costa nada disse à esposa, pede uma audiência com o senhor da casa. O encontram na biblioteca.

Fraülein lamenta pelo infortúnio do não cumprimento da palavra de Sousa Costa, o que evitaria diálogo tal. Ele se justifica pela atribulação de seus compromissos, ao passo que Fraülein dispunha por seu consentimento, escolhendo o pai alguém especial, ocorrendo ao juízo de mãe (2008, p. 55): “Em pouco tempo Carlos estava sifilítico e outras coisas horríveis, um perdido! É o que eu te digo, Laura, um perdido! Você compreende... meu dever é salvar o nosso filho... Por isso! Fraülein prepara o rapaz. E evitamos quem sabe? até um desastre!... UM DESASTRE!”

Dona Laura se acomoda a poltrona, notando o marido transitar entre dois lados da sala. Indignada pela natureza de seus serviços para os patrões, Fraülein sente-se insultada, a dona Laura aclarando o teor de suas contribuições, fosse ela crítica ao irracionalismo alemão a tensionar pessimismo na realização familiar pelas vias do amor, a sua *amorologia* fosse arte a semear o gérmen de um amor sadio, “um futuro de paz conseguido pela coragem de aceitar o presente” (2008, p. 56).

Novamente há intertextualidade, apenas indiretamente mencionando por “fábula

ta os braços entre as pernas encolhidas, musculosas. Não pode mais, faltou-lhe o ar. Todo o corpo se retesou numa explosão e pensou que morria. Pra se salvar murmura:
– Fraülein!” (ANDRADE, 2008, p. 46).

discreta contada por Platão no Banquete” (ANDRADE, 2008, p. 59). Nos parece que o amor-tese, de inspiração ao idealismo alemão, remonte ao diálogo de Diotima e Sócrates, a primeira asseverando pela substância de gênio ao Amor, que não seja bem ou mal, humano ou divino, sagrado ou profano.

Para Diotima o Amor é a mediação a jungir o humano ao divino, mediação que realiza “O amor sincero, elevado, cheio de senso prático, sem loucuras.” (ANDRADE, 2008, p. 56) – Fraülein – e, por outro lado temos o narrador a tomar a fábula de Aristófanes do mesmo livro, de que “NÃO EXISTE MAIS UMA ÚNICA PESSOA NESTE MUNDO E NADA MAIS SOMOS QUE DISCÓRDIA E COMPLICAÇÃO.” (ANDRADE, 2008, p. 59), isto é, crítica ao conjunto do dimorfismo sexual e à masculinidade hegemônica.

Em Aristófanes, na obra citada, a cosmogênese do ser social é uma criatura com quatro braços, duas cabeças e quatro pernas, que se movia veloz como um aro e, desafiando a potestade, fora ao meio cindida. Em Aristófanes há interdependência para a identidade de gênero e sexualidade, haja vista a inteireza perdida da forma primeva.

Prossegue o narrador (ANDRADE, 2008, p. 60): “Sousa Costa olha o chão. Dona Laura olha o teto. Ah! criaturas, criaturas de Deus, quão díspares sois! As Lauras olharão sempre o céu. Os Felisbertos sempre o chão. Alma feminina ascensional... É o macho apegado às imundícies terrenas. Ponhamos imundícies terráqueas.”

Nos parece que, a partir do texto platônico, há convergências para as posições de Fraülein e do narrador, respectivamente a fábula de Aristófanes e do diálogo de Diotima e Sócrates, como divergência ao conteúdo histórico efetivado pela modernidade por meio do amor livre individuado, sobrepesando o teor da desigualdade estrutural de apropriação da individualidade a engendrar a porta (público, no singular) a uns, janelas para outras (privado, no plural).

As tensões entre o casal e Fraülein amenizam, posta a preocupação pelos vícios correntes além da porta de casa (ANDRADE, 2008, p. 60) e Sousa Costa tenha recebido recomendação dos serviços por Zezé Mesquita, pessoa idônea (ANDRADE, 2008, p. 61).

Pelo acertado a oito contos e pela tranquilidade do lar, Sousa Costa conversaria com Fraülein no dia seguinte, pedindo que fique, e dona Laura pediria desculpas pelo inconveniente.

Estranha aos usos e costumes no Brasil, Fraülein sentia nostalgia pela vida prática em sua terra natal, onde podia sentir-se sincera consigo, hasteando sua bandeira. No Brasil, no entanto, comia bem e vestia boas fazendas, distintas fossem as notícias de seu irmão na Alemanha. Era sabido por Fraülein “que, chegando a hora de descansar, só lhe seria possível o

sossego na velha pátria alemã.” (ANDRADE, 2008, p. 66).

Carlos questiona Fraülein pela ausência na lição ao dia anterior, tez a sua corada, pensasse ela estar doente, o não habitual sua falta. Ânimo acirrado, expressa ele seu descontentamento em alemão, não gostaria que ela o deixasse (ANDRADE, 2008, p. 69).

Na sala de estudos, úmida e fria, Fraülein se aproxima das letras do menino, fosse míope. Lá fora, pela janela do cômodo silencioso: “Os últimos calores do outono derretiam a luz lá fora e esta, escorrendo pela janela entrecerrada, se coagulava no tapete. **Dançarinamente na linfa luminosa a poeira.**” (ANDRADE, 2008, p. 70. Grifo em negrito é nosso).

Há neste trecho o motivo da janela (interface), pespontada pela luz lá fora. Nos parece, o amadurecer de Carlos e, por esta janela entrecerrada, o entrever de fluxo e movimento. A mudança de estação pode compreender a passagem à virilidade consentânea à masculinidade pelo frio do inverno ao porvir. Carlos se agitava, como a poeira na linfa luminosa.

Pelo “malentendido” entre os dois, sua respiração lívida a acusar as emoções a fazê-lo esquecer a posição e, inclusive, a existência do *h* em uma palavra. Lá fora o sol e o calor do outono restante eram sua chance de escapar “ao sol noutra calor” (ANDRADE, 2008, *idem*).

Tomando sua mão direita, Fraülein se aproximou dele, o abraçando por trás. Reativo, Carlos se levantou. A magoou e exclamou por não escrever mais, a deixando perplexa. Pela janela agora aberta vê a paisagem exterior, e olhando para fora, busca a compreensão pelos estados internos. Fugindo da visão de Fraülein busca regular seu estado mental. A reação de Carlos fora intangível, “Doía nela o desejo daquele ingênuo, amou-o no momento com delírio” (2008, p. 71).

A palavra tinha *h*, e exigia a lição da professora, sua força ao traço da “sabença”, recurso a tê-la próxima, ela o enredando entre seus braços, o colo nascendo aromas da paixão que brotara, elevando a face a buscar o sabor desconhecido dos beijos de cinema “E, pois, que era de novo o mais forte, beijou Fraülein na boca” (ANDRADE, 2008, p. 72).

A biblioteca depunha o testemunho, os livros novos em lombadas virgens, item de decoração de Sousa Costa a adornar acesso à cultura erudita, moldura da linguagem filmica ao caso entre aqueles (ANDRADE, 2008, p. 71-72), momento a reverberar na sensação e memória de Carlos, como alguém suspenso no tempo pela intensidade destes três dias⁸ (ANDRADE, 2008, p. 73).

⁸ “Eu não sei se alcançar a felicidade máxima, extasiar-se aí, e sentir que ela, apesar de superlativa, inda cresce, e reparar que inda pode crescer mais... isso é viver? A felicidade é tão oposta à vida que, estando nela, a gente esquece que vive. Depois quando acaba, dure pouco, dure muito, fica apenas aquela impressão do segundo.” (ANDRADE, 2008, p. 73).

A felicidade dilata o instante prático-cotidiano da vida, como sístole e diástole do coração, elevando a pulsação, suspendendo o imediato sensível e transcendendo ao ordinário da vida sensível, retendo na memória ao para-além das recorrências vulgares (ANDRADE, 2008, p. 74-75).

Sua relação com Fraülein, ao lado da relação com as irmãs, transmuda. O faz amadurecer, “Carlos estava homem. Sem que se amedrontasse, assuntou a noite envelhecer. Só reparou no vagar dela. Muito sereno, porém apressado.” (ANDRADE, 2008, p. 78), apressado como o desejo, aurora da noite a tranquilamente restar pelo clarão do dia no bojo do luar.

Às 23h se sente impaciente, a sensação fosse estar apesado ao desejo, cansando inclusive ao coração seu, permanecendo o relógio de pulso ao fecho dos braços cruzados, signo do controle pela dominação masculina a que se submete e emerge, ainda que na posição confortável de homem. Não há descrição desta cena. Seus traços já algo modificados, deixa silencioso ao quarto de Fraülein. Atrás de si as chaves que Fraülein aferrolha.

A *amorologia* de Fraülein consistisse na troca dos oito contos não pelo ato, mas antes pela interação propícia a ensinar “o amor integral, tão desnaturado nos tempos de agora” (ANDRADE, 2008, p. 90), tenha ela aceitado o encargo com as condições exteriores de seu ofício: “Professora de amor... porém não nascera pra isso, sabia. As circunstâncias é que tinham feito dela a professora de amor, se adaptara. Nem discutia se era feliz, não percebia a própria infelicidade. Era, verbo ser.” (ANDRADE, 2008, *idem*), seu “orgulho profissional” ferido pela lição de ciúmes de amor que cumpriu dar a Carlos, quem não a entregou sua inocência (ANDRADE, 2008, p. 89).

Fraülein recalca ao sofrimento psíquico inerente, como ao orgulho ferido⁹, para oferecer suporte a seus alunos, elemento (retorno do recalcado) que emerge ao epílogo, acomodação algo inquieta, vez que projeta retornar para sua terra natal.

Razão, rosa na cruz do padecer: síntese

A família viaja para a fazenda de carro, onde Carlos passa o braço a enlaçar a mãe, a resguardando do frio da janela (signo da mudança da maturidade de Carlos e da estação vindoura), e a mão do jovem roça “pelas fazendas de Fraülein, além” (ANDRADE, 2008, p.

⁹ “Pra isso também inconscientemente Fraülein dirigia os alunos. Sem inveja acreditava que os já ensinados reproduziam, breve reproduziriam a visagem gostosa. Agora dirigia Carlos para o mesmo fim. Porém que uma outra tivesse movido o menino a primeira vez... lhe desagradava. Conservaria sempre pelos anos a sensação logo vencida mas imortal de que tinham lhe passado a perna.” (ANDRADE, 2008, p. 90).

97).

No passeio Sousa Costa presenteia a esposa com um buquê de rosas da propriedade, aos meses seguintes poderiam obter os frutos: “Que pai-de-família bom é Sousa Costa! A gente é forçado a reconhecer que Sousa Costa é um excelente pai-de-família. Pater famílias.” (ANDRADE, 2008, *idem*).

O *ius vitae necisque* romano fundamentava o exercício da *patria potestas*. O direito de dispor sobre a vida e a morte deu base ao poder político romano com consequências para a organização parental. Sousa Costa é bom provedor para sua família. Que os subordine, fica oculto ao lado das transgressões sexuais à monogamia, permanecendo dona Laura e Fraülein ao lado de dentro das janelas.

Carlos é filho primogênito e, nesta condição, pode transgredir a porta, como descer pelo corrimão das escadas quando a irmã desperta de sua convalescença. Faz-se notar, sob a ironia do narrador, transgressão pelo bem familiar a dar notícias da melhora de sua irmã mais nova e solicitar a chavena (ANDRADE, 2008, p. 103-104).

Adiante, na visita ao Rio, a acepção de Carlos para o belo é sintetizada pelo narrador: “Ora pinhões! ver árvores e terras... Se ao menos fossem minhas... cafezal...” (ANDRADE, 2008, p. 109), o que na obra é contraposta ao encantamento de Fraülein pelas belezas naturais do local.

Temos aqui dois elementos: i. terra como exterioridade, isto é, capital passado ou trabalho morto; e, ii. masculinidade enquanto tudo aquilo que não é feminino, coincidência à própria natura germânica de Fraülein, pois que, afinal de contas, “Ela se igualava às coisas de terra, eles se resguardavam indiferentes. Resultado: Fräulein se confundia com a natureza.” (ANDRADE, 2008, *idem*).

Particulariza o narrador a condição de Carlos, quem se alegra na felicidade da amante, algo indiferente ao clima e paisagem. Fraülein apreciava o ambiente como infante, admirando as já passadas e temendo perder as novas.

O motorista chama Carlos e Fraülein, e param ainda na gruta, onde ela é a primeira a descer do veículo, permanecendo a mãe no interior do automóvel. Fraülein observa atenta o interior da formação e seu fundo, moldura para o mar além a investigar a profundidade da individualidade da observadora (ANDRADE, 2008, p. 113-114): “A tarde caía rápida. A exalação acre da maresia, o cheiro dos vegetais... Oprimem a gente. E os mistérios frios da gruta... Tanta sensação forte ignorada... a imponência dos céus imensos... o apelo dos horizontes invisíveis... Abriu os braços. Enervada, ainda pretendeu sorrir. Não pôde mais. O corpo arreventou. Fräulein deu um grito.”

Nos parece que esta cena materialize as inviabilidades e fronteiras da vida de Elza, a Fraülein, acusando o grito como escape. Não é mera realização da subjetividade ensimesmada da personagem, mas antes sintoma do tempo histórico. Fraülein ingressa ao trabalho remunerado, mas em condições estranhas. É estrangeira e sua atividade periférica à produção de valor. É explorada em sua atividade pela forma social e subordinada à estrutura.

Dona Laura, sua sensibilidade atrofiada pela condição de classe, quase desmaia. E, com o grito de Fraülein, Laurita rola pela gruta e chega a praia. Carlos pasmou e riu pela situação, inquieto por não compreender a falta de cumplicidade da amante ao ter fechado o semblante.

Ao dia seguinte Fraülein pondera pelo imperativo de dar encerramento a seus ensinamentos, percebendo a conseqüente inevitável dor de amor de Carlos pela lição, tenha sido pactuado por ela e Felisberto Sousa Costa “que aquilo não podia acabar sem um pouco violência” (ANDRADE, 2008, p. 127).

A lição pela boa conduta soubesse o amar adequado à posição, o pai considerando a formação pela frustração a via mais adequada àquela aprendizagem (ANDRADE, 2008, *idem*),

O filho era dele, lhe pertencia. Que se entregasse a uma outra e ele sabendo, teve ciúmes, confesso. Se sente como que corneado! Tal era a sensação inexplicável de Sousa Costa pai.

Pois com o susto se vingava. O ante-sabor da comédia lhe multiplicou os momentos de sorriso, não se esquecerá mais. “Depois pregamos um bom susto nele” falara à mulher naquela cena inquieta de explicações com Fraülein. Porém agora diante desta, na biblioteca, pensava melhor, aquilo traria incômodos. Caceteação! o menino ia fazer barulho naturalmente... E esse malestar que as estréias sempre dão...

A síntese do amor-tese é a relação de Fraülein e Carlos, “viva no espírito, isto é, no corpo de Carlos”, (*ibidem*) aprendizagem da arte do amar. O ofício se nobilita ao abranger o afeto, superando a relação imediato-sensível de sensualidade, característica da prostituição. É amar intransitivo ao ser amor sem objeto, despossessão e despersonalização do ato humano do afeto. Cumprindo sua missão, “o que sabia ensinou.” e, deste modo, pode reconciliar o homem-da-vida ao homem-do-sonho, sua interioridade prático-cotidiano e a ação reflexiva no mundo, possibilitando que os dois passem de “braços-dados”.

O narrador pode proporcionar a partilha de “Quatro contos pra cada um. Vamos tomar um chope. Fraülein sente uma fraqueza, sorri de amorosa. Pobre Carlos, vai sofrer...”

O acordo entre Fraülein e Felisberto Sousa Costa só não aguardava pela reação de Carlos, seus preconceitos pequeno-burgueses depositos pelo amar transgressor, amasse

Fraülein e casaria. O pai externa sua preocupação com gravidez, imputando a responsabilidade ao filho, quem se vê aterrorizado pela ideia. A chorar, os pais o consolam, amenizando o sofrimento.

Adverte o pai, entretanto, pela repreensão que (ANDRADE, 2008, p. 130) “[...] não tem tantas mulheres sem perigo por aí, não o obrigasse mais a gastar dinheiro com essas coisas. Carlos tira a cara das mãos, quer ver se o dinheiro é verdade. – Ela não recebeu dinheiro! – Ah?! então você pensa que ela partia assim, sem nada, não é!... – Quando! Que dinheiro, nem baixezas! Fraülein partia! só isso Carlos escutou.”

O confronto entre Felisberto e Carlos aflora a concepção familiar do primeiro e o pacto pela fraternidade entre os homens; dito de outro modo, individualidade enquanto sujeito de direitos masculino e proprietário, e a relação intersubjetiva (família) como mera possessão desnudada e, para assegurar a reprodução da dominação e subserviência (cuidados, trabalho doméstico, reprodução de mão-de-obra, *etc.*), o tácito implícito acordo entre cavalheiros. A ideia de paternidade assombra Carlos pela perda de autonomia, e também pelos ciúmes de Fraülein. Porém pela presença de Fraülein abdicaria inclusive de sua paixão (ANDRADE, 2008, p. 131).

Carlos retorna ao quarto de Fraülein, não consegue dormir. O pai tenta impedir ao arrombamento e é agredido pelo filho, que “Desilude-se, tudo está perdido mesmo... Não vale a pena lutar, brasileiro... Mãe e pai seguram ele. Nem carecia. Guiam aquelas pernas sem vontade. Isso sim, carecia.” (ANDRADE, 2008, p. 132).

O jovem é acolhido ao seio familiar por sua decepção amorosa, frustrado pela vulnerabilidade e impotência ao nada poder fazer, e “Nos seios de dona Laura é levado.” (ANDRADE, 2008, *idem*).

Fraülein partiria para Santos, embarcada por Felisberto Sousa Costa. Seis da manhã. Pede que o pai acorde Carlos para que ela se despeça. “Teve uma vaga lembrança de que nem a beijara. Não, só um verbo naturalista: não aproveitara.” (ANDRADE, 2008, 134). Atrás de Fraülein os portões fechados da residência. Vila Laura. Propriedade em superposição aos cuidados maternos, liame de dominação e subserviência da ascendente classe dominante paulista (ANDRADE, 2008, p. 135).

Referências

ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**: idílio - Rio de Janeiro: Agir, 2008.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira; RODRIGUES, Marisa Lima. Amar, verbo intransitivo, idílio: a iniciação sexual de um jovem e o desejo de Fräulein - **Reverso** • Belo Horizonte • ano 42 • n. 79 • p. 59 – 66 • jun. 2020.

PLATÃO. **O Banquete** - São Paulo: Editora 34, 2016.